

TERRITÓRIOS DAS INSURGÊNCIAS E DOS AFETOS

Cidade, cultura e vida cotidiana

INSURGENCIES AND AFFECT TERRITORIES

City, culture and daily life

**A. Volia Regina Costa Kato & B. Lizete Maria Rubano &
C. Maria Isabel Villac & D. Juliana Gilardino**

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil

voliaregina.kato@mackenzie.br

lizetemaria.rubano@mackenzie.br

mariaisabel.villac@mackenzie.br

juliana.gilardino@gmail.com

RESUMO

O tema envolve relações complexas e intrinsecamente constituintes entre a vida cotidiana como expressão de cultura e a cidade como lócus do viver. A complexidade desta relação coloca em pauta a relevância da urbanização como processo irreversível e crescente no mundo. Ao mesmo tempo, evidencia a multiplicidade de expressões de cultura presentes nas ações, comportamentos e valores e, portanto, nas práticas ordinárias que atravessam as cadências do cotidiano. Essas podem ser vistas nas formas instituídas ou inusitadas de apropriação da cidade como maneiras de singularizações da vida social e produção de outras territorializações. As insurgências urbanas que emergiram com destaque em 2013 no Brasil, ao lado de múltiplas ações de coletivos artísticos, tornam o território, ao mesmo tempo, arena de conflitos e de relações de afeto e de identidades. O artigo pretende apontar um caminho interpretativo a estes duplos movimentos que atravessam o cotidiano e exemplos de investigações em curso.

Palavras-chave: insurgências, vida cotidiana, cultura, cidade.

Linha de investigação: Dinâmicas Urbanas.

Tópico: Urbanismo insurgente e coletivos urbanos.

ABSTRACT

The topic involves complex and intrinsically relationships between daily life as an expression of culture and the city as the locus of living. The complexity of this relationship highlights the relevance of urbanization as an irreversible and growing process in the world. At the same time, it highlights the multiplicity of expressions of

culture present in actions, behaviors and values and, therefore, in ordinary practices that cross the daily cadences. These can be seen in the instituted or unusual forms of appropriation of the city as ways of singularizing social life and producing other territorializations. The urban insurgencies that emerged prominently in 2013 in Brazil alongside multiple actions by artistic collectives, make the territory, at the same time, an arena of conflicts and relationships of affection and identities. The article intends to point an interpretative path to these double movements that cross the daily life and examples of current investigations.

Keywords: insurgencies, daily life, culture, city.

Research line: Urban Dynamics.

Topic: Insurgent urbanism and urban collectives.

Introdução

O tema aqui proposto – insurgências urbanas, cultura e cotidiano - envolve relações complexas e intrinsecamente constituintes entre dois planos ou dimensões socioespaciais: – a vida cotidiana como expressão de cultura e a cidade como locus do viver. O caráter abrangente desta relação coloca em pauta a relevância da urbanização como processo irreversível e crescente no mundo e a multiplicidade de expressões de cultura, tal como assinala Certeau (1996), presentes nas ações, comportamentos e valores e, portanto, nas práticas ordinárias que atravessam as cadências do cotidiano. Tais práticas da vida cotidiana ocorrem como formas instituídas ou inusitadas de apropriação da cidade, ou seja, como maneiras de singularizações da vida social. Vale dizer que as atividades corriqueiras do dia a dia carregam elementos informantes dos traços sociais, psicológicos, culturais presentes nas dimensões individuais e coletivas da realidade. Assim, o interesse investigativo pelo cotidiano representa a busca de possibilidades transformadoras e de indícios de mudança social no plano do real vivido, nos espaços da vida social onde se realiza a reprodução da vida biológica e das estruturas sociais. É possível então, compreender em Lefebvre (1999), o urbano como o lugar de expressão dos conflitos e as insurgências como campo de forças sociais convergentes que despontam à partir do vivido carregando insatisfações e reivindicações sociais, tal como ocorrido em maio de 1968 e nos contextos mais recentes em várias cidades do mundo com o movimento Occupy por exemplo, inclusive no Brasil em 2013 e em momentos posteriores.

A estas insurgências se mesclam, em especial nos contextos das políticas neoliberais situadas no cerne das dinâmicas econômicas globalizadas desde os anos de 1990 no Brasil, uma multiplicidade de manifestações e eventos de coletivos artísticos urbanos, especialmente juvenis. Aqui, como se refere Caldeira (2011) o hip-hop e outros movimentos artísticos à partir das periferias das cidades passaram a ser o canal de expressão política, sobretudo dos jovens, diante da falta de perspectivas de futuro e de uma democracia disjuntiva. Incluem-se, com base na teoria de lugar de fala, inúmeros movimentos como os saraus literários, grupos de grafiteiros, coletivos artísticos, os slams e outros ativismos urbanos, trazendo a tona a diversidade de composições da vulnerabilidade social (Butler, 2015; 2018).

Se é na dimensão do vivido que emergem as insurgências e manifestações artísticas, suas ocorrências nos espaços públicos da cidade pressionam os canais instituídos do político; representam formas de singularização social no contexto de pluralidade da esfera pública (Arendt, 2000), interrompem as lógicas automáticas da

circulação da cidade (Lepecki, 2017) e retornam ao cotidiano.

O olhar para a cidade como locus do viver constitui uma postura teórica e metodológica de pesquisas realizadas e outras em andamento no âmbito das atividades do grupo de pesquisa Culturas e Cidade: Teorias e Projeto¹, propiciando um repertório referencial sobre estas dimensões da realidade. Ao investigar a relação entre culturas e cidade, privilegia as estruturas físicas como lugares habitados em tempo transitório e amparo das práticas urbanas como expressões significativas da sociedade na vida cotidiana. Entende que as micro dinâmicas sócio espaciais em suas ações multidirecionais no espaço urbano agregam significados e a reflexão teórica e que delas podem emergir contribuições importantes para intervenções no território. Coloca, desta forma e a partir da pesquisa empírica, a perspectiva de conformar uma discussão crítica e informar o próprio projeto e a atividade de projetar. Para tal, adota uma visão crítica na relação arquitetura e cidade com ênfase nas práticas que questionam a tradicional separação, no projeto, entre a autonomia da concepção e o compromisso que incorpora uma experiência prévia de espaço.

Cabe reafirmar que as práticas de pesquisa empírica associadas a estes intentos levam em conta o fato de que as ações dos indivíduos e dos grupos sociais no decorrer de suas vidas diárias é um desafio na medida em que o cotidiano é feito de enigmas pois, revela e ao mesmo tempo esconde as determinações sociais. Destrinchar estes enigmas (Pais, 2003) exige do investigador um trabalho de retalhar a realidade no tempo e no espaço, iluminando os fragmentos e a complexidade social, através de elementos teóricos e conceituais capazes de interpretar, por entre linhas, as condutas individuais e coletivas situadas num determinado contexto espacial e histórico, ou seja, o contexto dos indivíduos.

Com estes referenciais, o artigo objetiva apresentar duas proposições de pesquisa – uma individual e outra coletiva – em suas fases iniciais e que ilustram caminhos investigativos em andamento. Ambas buscam, nas apropriações informais do território urbano, e nas insurgências sociais imprevistas e inusitadas, identificar formas de territorialização e rumos e potenciais de transformação social emancipatória na cidade.

1. Insurgências Urbanas: conflitos e significados simbólicos do território

Insurgências urbanas e sociais, com foco em protestos e manifestações populares, fazem parte do imaginário das civilizações há séculos, tratam-se de acontecimentos potentes, impreterivelmente coletivos, dotados de uma dimensão política significativa cujas formas de ação atuam e reverberam na esfera pública, no “chão da cidade”, expressando por meio da reunião de corpos e ou discursos, desejos e possibilidades outras (Lepecki, 2017). O Colocam em evidência um “ethos de solidariedade” que reforça a (co)dependência entre indivíduos, ratifica a vida em sociedade enquanto um bem a ser zelado, tendo as cidades como locus dessa disputa de narrativas. Ao interromperem o movimento automático das cidades, cotidianamente desgastantes e alienantes, as insurgências promovem, por meio da reunião, da efemeridade e da performatividade (Butler, 2018: 28), práticas do dissenso que contrapõe normativas vigentes.

Ao analisar insurgências urbanas é necessário discutir a noção de democracia, pois nela se funda a ideia de

¹ O grupo de pesquisa CULTURAS E CIDADE, TEORIAS E PROJETO da FAU Mackenzie, liderado pela Profa. Dra. Maria Isabel Villac vem há 6 anos desenvolvendo um repertório conceitual sobre a temática, articulado a pesquisas empíricas nos territórios da Barra Funda, Santa Cecília e Campos Elíseos em São Paulo, agregando trabalhos acadêmicos individuais e coletivos, workshops abertos, agregando professores e alunos da graduação e da pós-graduação.

representação dos desejos de um povo. Ainda que um sistema democrático reconheça a legitimidade da vontade popular na teoria, enquanto poder de escolha no que diz respeito ao voto, e por meio do direito à liberdade de expressão e a livre manifestação, na prática, essa realidade se inverte em muitos países auto-intitulados democráticos. Há um descompasso entre a práxis política da democracia e a soberania popular.

As cidade acumulam as mazelas de uma política desenvolvimentista excludente com processos de favelização, informalidade, serviços precários ou inexistentes, desigualdades profundas, degradação ambiental, violência urbana, congestionamento e custos crescentes de um transporte público precário e espaços urbanos segregados (Vainer 2013).

Segundo Judith Butler (2018: 15) em um território no qual populações são descartáveis em consequência de políticas que promovem condições de “negligência sistêmica”, que demandam dos indivíduos uma autossuficiência impraticável, tornando-os socialmente isolados e desarticulados, se faz necessário um levante coletivo e plural. Insurgências compostas por indivíduos que exigem diretos, que “tomam a condição precária como sua condição estimulante”.

(...) reunião é realizada em nome do corpo vivo, um corpo com direito de viver e persistir, até mesmo a florescer. Ao mesmo tempo, não importa sobre o que seja o protesto, ele também é, implicitamente, uma reivindicação por poder se unir, se reunir em assembleia, e de fazê-lo livremente, sem medo da violência policial ou da censura política. Então, embora o corpo em sua luta contra a precariedade e a persistência esteja no coração de tantas manifestações, ele também é o corpo que está exposto, exibindo o seu valor e a sua liberdade na própria manifestação, representando, pela forma corpórea da reunião, um apelo político.

BUTLER, 2018:24

Essa realidade não é um fato isolado do Brasil, tem sido um fenômeno emergente em cidades de vários países no passado recente, com a Primavera Árabe (2011), e no Brasil a partir de 2013, colocando em evidência o resgate dos espaços públicos como esfera de resistência e luta por direitos urbanos e sociais.

A breve análise de conjuntura contextualiza a onda de protestos de 2013 e traz resultados parciais da pesquisa e se destaca no rol de levantamentos de inúmeras insurgências à partir de então, catalogados segundo variáveis referenciais, como local, atores, pauta, percursos e escala de abrangência territorial². Esta investigação tem como pressuposto o fato de que as insurgências urbanas provocam interrupções no ritmo do movimento automático da cidade, exprimindo resistências de dimensões políticas significativas e imprimindo através da atuação no território, eventos ou acontecimentos potentes.

Reafirma-se, assim, como objetivo central, a realização de uma narrativa sobre manifestações sociais de protestos a partir de junho de 2013, e como eles acontecem e se apropriam do território, compreendendo suas lógicas e agenciamentos na dinâmica urbana da cidade de São Paulo.

² Projeto de Iniciação Científica na FAU-Mackenzie, iniciado em julho de 2019, intitulado: *Território das insurgências: Cartografando as manifestações sociais recentes em São Paulo* patrocinado por meio de apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

As reflexões pontuadas delineiam o escopo da pesquisa em curso sobre as insurgências urbanas, como livre manifestação e luta pelo direito à cidade que, da sua transitoriedade e efemeridade sugerem outras formas de ação no espaço público. Trata-se de ações coletivas e plurais que englobam corpos, performatividade, crítica e território, gerando fissuras e quebras no cotidiano automatizado. Acontecimentos pautados em subjetividades, afetos e desejos dos indivíduos, apontando outros modos de se entender, viver e produzir a cidade.

É de interesse compreender a territorialidade, as formas de apropriação, a relação do lugar com as pautas e críticas inerentes à essas insurgências. Visto isso, as Jornadas de Junho de 2013 enquanto o ponto de partida reúne todos esses pontos elencados pelo fato de terem sido um levante significativo no que se refere a retomada dos espaços públicos como ponto chave para o florescimento desses eventos.

Essa série de protestos, concentrados ao longo do mês de junho, definem o marco histórico desta pesquisa principalmente pela dimensão territorial das insurgências. Na cidade de São Paulo, vias de todas as escalas foram obstruídas por manifestantes, de ruas à rodovias. A estratégia adotada pelo movimento, ao longo dos atos, consistiu em bloquear acessos norte-sul e leste-oeste da cidade, como as rodovias Anhanguera, Castello Branco, Raposo Tavares, via Anchieta, Marginal Pinheiros; a Estrada do M'Boi Mirim; as avenidas Paulista, Rebouças, Doutor Arnaldo, Faria Lima, Luís Carlos Berrini, Guarapiranga, Interlagos, Ermano Marchetti, D. Belmira Marin, Marechal Tito, Paulo Guilguer Reimberg, Senador Teotônio Vilela, Cruzeiro do Sul, Rangel Pestana; a rua da Consolação; as pontes Octavio Frias de Oliveira e do Socorro; além de pontos como a praça Campo de Bagatelle, Largo da Batata e Theatro Municipal, segundo um levantamento feito pelo G1³.

O direito inalienável à cidade repousa sobre a capacidade de forçar a abertura de modo que o caldeirão da vida urbana possa se tornar o lugar catalítico de onde novas concepções e configurações da vida urbana podem ser pensadas e da qual novas e menos danosas concepções de direitos possam ser construídas. O direito à cidade não é um presente. Ele tem de ser tomado pelo movimento político.

VAINER, 2013: 34

Esse levante de protestos reivindicava diversas agendas que não somente o aumento da tarifa do transporte público. Pautas que desenhavam a realidade do país e a centralidade das questões urbanas (Rolnik, 2013) frente a indiferença das autoridades políticas para com as necessidades da população e das cidades. Assim, multidões mobilizadas se impõem à agenda política vigente e, sendo o sistema rodoviário a espinha dorsal da cidade de São Paulo, a obstrução das vias pelos manifestantes representa uma outra dinâmica na cidade, produz a ruptura de hábitos e comportamentos (Lepecki, 2012). Desse modo, entende-se as relações entre sociedade e cidade, insurgência urbana e ação política, como temas intimamente atrelados, sendo portanto, impossível dissociar as principais razões, objetivas e subjetivas desses protestos, da condição das cidades (Maricato, 2013, p. 19). Os territórios percorridos são preenchidos de significados simbólicos vinculados às

³ Protesto em SP ocupa Av. Paulista, estradas e tem tumulto com militantes. G1 São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/protesto-em-sp-ocupa-av-paulista-estradas-e-tem-tumulto-com-militantes.html>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

pautas, paulatinamente consolidados pelas ações recorrentes em cada lugar.

Além disso, o lugar e o território usados são aqui, pontos chave para a compreensão desses eventos à medida que são necessários ao exercício da construção política. O lugar é a sede da resistência da sociedade civil, o que exige um minucioso conhecimento da realidade, mediante análise do aspecto fundamental que é o território, o território usado e o uso do território (Santos, 2005, p.259).

2. Experiências de territorialização: um teatro, uma associação, um coletivo

A segunda proposta aqui destacada possui um caráter coletivo e vem sendo desenvolvida pelo conjunto de professores e alunos no grupo, Culturas e Cidade. Teorias e Projeto. Pretende reconhecer - a partir de 3 pontos definidos no território dos bairros de Santa Cecília e Campos Elíseos – que agreguem, pela proximidade um equipamento público, uma associação/entidade de iniciativa da sociedade civil e um coletivo que atue na região. ainda que esporadicamente – como se dá a construção da experiência no território, ou, ainda, a territorialização que tem como estímulo o agrupamento, a sociabilidade, o acontecimento cultural.

Esses 3 lugares - ou pontos de confluência dos bairros -, constituem a matriz de trabalho de campo, de observação empírica e de recorte para entrevistas e registros, identificando-se a territorialização ou a desterritorialização que acontece nesses momentos especiais dos bairros.

A ideia de “*um teatro, uma associação, um coletivo*” tenta anunciar uma aproximação aos equipamentos oficiais, públicos da área, voltados à produção cultural, às entidades não governamentais (de qualquer outro estatuto) que agenciam pessoas em torno de questões gregárias, do fazer junto; e manifestar atuações próprias e criativas de grupos sociais diversos e/ou moradores e aos movimentos ativistas que, ainda que sejam temporários ou cíclicos, ainda que aconteçam uma única vez, trazem - para lugares e pessoas dali – uma experiência nova, uma oportunidade outra de vínculo entre o lugar e os moradores/frequentes.

Esse recorte, dentre tantos possíveis para uma aproximação qualitativa da área, tem a ver com a temática do grupo de pesquisa em questão, desenvolvida e aprofundada ao longo dos últimos anos.

Considerando o *território usado*, a referência de análise e as possibilidades diversas de atribuição de sentido e de construção de uma territorialização como sendo de interesse nessa investigação estabelecem como recorte da área o mesmo recorte das atividades culturais e de experiências coletivas voluntárias, constituindo potenciais para aproximações empíricas de verificação.

Em que medida a “territorialidade longa” seria mais importante que a “efemeridade”? A memória coletiva é apontada como um cimento indispensável à sobrevivência das sociedades(...).

Mas sabemos também que os eventos apagam o saber já constituído, exigindo novos saberes. Quando, como nos dias atuais, os eventos são mais numerosos e inéditos em cada lugar, a reinserção ativa, isto é, consciente, no quadro de vida, local ou global, depende cada vez menos da experiência e cada vez mais da descoberta.

SANTOS, 2012: 329

Assim, ainda que as transformações dadas pela ação privada, pelo mercado, pelas ações *verticais* que interferem no território sem que haja, necessariamente, consentimento, se desencadeiem alterando os quadros de vida, ao mesmo tempo acontecem as contiguidades, as experiências, ainda que transitórias, estabelecendo marcas, alterações e presenças criadoras dos atores sociais nos seus quadros de vida.

Nas derivas realizadas em momentos anteriores desse grupo de pesquisa, alguns elementos fixos – as “temáticas do substantivo” - e algumas experiências de uso, registradas em diferentes situações e caminhos, acabaram por sugerir que se desse destaque a determinadas situações como potentes à ideia de um possível acontecer solidário entre pessoas e lugares (Santos, Souza e Silveira, 1994).

Embora se encontre o abandono de áreas públicas, habitações precárias e ruínas modernas, fronteiras sem perspectiva visual e sem possibilidade de transposição exclusiva do pedestre dada pelo limite da linha férrea, uma paisagem urbana alterada e desestruturada no entorno imediato às infraestruturas - elevado, avenidas de muito tráfego, linha férrea, o bairro tem uma intensa vida compartilhada e situações espaciais – além das de apropriação e uso – que se destacam e despertaram grande interesse à pesquisa.

Algumas dessas situações já constituem referencial da maneira como se constroem novas interfaces entre público/privado e de como lugares conformados pela articulação entre arranjos tipológicos e morfológicos, acrescidos da legitimidade dada pelo uso e apropriação, acabam por resultar, reincidentemente, marcos de sociabilidade e de reconhecimento coletivo.

Aproximando-se, num primeiro momento, a partir das redes de atividades ligadas ao bairro, encontramos muitas situações de interesse às questões postas pelo projeto de pesquisa: Associação de apoio ao programa de capacitação solidária, Associação de serviços médicos comunitários, coletivos urbanos como o Baixo Centro, Agulha e Pilantragi; a Associação Cultural Cecília, que surgiu da vontade de um grupo de amigos em trabalhar e conviver em espaço cultural colaborativo ou o *Cecília Viva* que realizam shows nos fins de semana.

Além das iniciativas da sociedade civil, também estão presentes na área espaços culturais oficiais que, ainda que oferecidos formalmente às iniciativas programadas de cultura, representam outro aporte a ser visto de perto, sempre com a perspectiva de constituir análises das dinâmicas de uso e fomentar o debate acerca do papel do projeto e de como poderia ser revisto o processo de constituí-lo, como partido e como realização.

A possibilidade presente nessa nova etapa de pesquisa é a de, a partir do recorte sugerido, fazer um outro percurso, que vá - somando às cartografias das investigações anteriores - observações que atravessem a percepção do observador caminhante e encontre os *usadores* do território, aqueles para os quais as situações sejam constituidoras da experiência cotidiana ou eventual, para se chegar no recorte sugerido pela pesquisa – 4 pontos que agreguem equipamento público, associação e coletivo – foi feito um primeiro levantamento considerando:

- mapeamento de equipamentos públicos ligados à cultura a partir da plataforma geosampa-Mapa Digital da Cidade;
- Levantamento das ONGs por meio do site ONGs Brasil/bairros;
- Listagem de coletivos a partir do site SPcultura da PMSP, Catracalivre, Guiadasemana, entre outros.

Os dados dela resultantes, vem sendo sistematizados em cartografias próprias que levam em consideração elementos fixos ou não e temáticos existentes e cartografias narrativas de territorialidades.

Estes procedimentos reafirmam os pressupostos metodológicos da investigação. Ou seja, a percepção e vulnerabilidade ao outro requer do investigador que se aproxima das formas de realização do social na dimensão do tempo vivido no cotidiano, representações que possam atribuir a elas um sentido e captar, como diz a autora, "(...) as forças vivas que nos afetam e fazem presente em nosso corpo sob a forma de sensações" (Rolnik, 2016: 11). Rompe-se, com este posicionamento, a separação entre sujeito e objeto, criando-se um vínculo inseparável do investigador com sua pesquisa, do sujeito com o mundo. Para tipificar este vínculo refere-se ao "corpo vibrátil", entendido como a capacidade dos órgãos dos sentidos atuando de modo integral.

Muitas são as ONGs, Associações, coletivos, ativistas e eventos pontuais que acontecem na região, acionando e permitindo experiências que estabelecem outras possibilidades à vida pública.

Uma primeira pesquisa foi realizada e foram levantados mais de 130 elementos nos bairros estudados, entre coletivos, instituições, ONGs, associações e eventos: Coletivos Agulha, Arouchianos e Pilantragi; Associação Cultural Cecília; grupo Arrua; grupo Viva e deixe viver; BibliASPA (Biblioteca e Centro de Pesquisa América do Sul-Países Árabes); Centro de Apoio e Pastoral do Migrante (CAMI); teatro São Pedro, A Próxima Companhia, Porto Seguro e teatro escola Macunaíma; espaço cultural Aparelha Luzia; Clube Piratininga; Fórum Mundaréu da Luz /Campos Elíseos vivo; sede do Ilu Obá De Min, entre tantos outros.

A perspectiva de registrar a atuação deles no território, identificar a potência (ou não) do agrupamento de equipamentos e eventos – oficiais ou efêmeros – pode significar a construção de referências outras à dimensão propositiva do projeto, em qualquer das escalas que se deseje explorar.

3. Considerações finais

Os exemplos de investigação aqui apresentados, ainda que estejam norteados por objetos empíricos de análise bastante específicos, convergem na adoção dos mesmos suportes analíticos. Ao elencar a vida cotidiana e os espaços banais a ela associados como esfera possível da transformação social identifica aí contraposições às lógicas da racionalidade neoliberal que moldam atualmente as subjetividades e os movimentos automatizados de padronização e consumo da e (na) cidade. Considerando que estão em desenvolvimento, tais investigações já apontam as emergências de práticas efêmeras de denúncias e outras de anunciação em torno da precarização da vida social, das situações de descarte em relação ao trabalho, impondo horizontes fragilizados de realização social que afetam de maneira acentuada a população como um todo, sobretudo a juventude.

Nos dois casos, o olhar se volta para o potencial emancipatório das formas espontâneas, criativas e algumas inusitadas e imprevisas de agregações e ajustes coletivos e concertados de solidariedade em torno de objetivos comuns postos em evidência na esfera pública.

Os coletivos urbanos em suas diversas manifestações, os ativismos e as ações artísticas efêmeras potencializam os espaços públicos em suas dimensões inerentes de convívio e (co) presença na diversidade social enquanto dimensão pública e, portanto, política, criando mundos possíveis e gerando transformações nas subjetividades, abertas a outros horizontes de convívio social. As insurgências urbanas trazem à esfera pública, narrativas múltiplas e efêmeras, destacando-se como corpos que reivindicam o direito plural e

performativo de aparecer, conforme destaca Judith Butler (2018), cujas manifestações transitórias resultam na desconstrução de formas de responsabilização individual pelas precariedades da vida atual em prol de um ethos de solidariedade. Conforme a autora:

Partindo da formulação de Adorno de que não é possível viver uma vida boa em uma existência ruim, sugiro que a vida que uma pessoa tem que viver é sempre uma vida social, implicando-nos em um mundo social, econômico e de infraestrutura mais abrangente, que vai além de nossa perspectiva e modalidade de questionamento ético em primeira pessoa.

BUTLER, 2018: 29

Na perspectiva das pesquisas aqui apresentadas, o espaço público e as classes sociais se misturam, os conhecimentos se interpenetram e as noções estéticas ganham novos sentidos. O que interroga a crise da noção de cidade enquanto bem público, lugar do convívio e do conflito, é, portanto, reconhecer o "real vivido" no sentido atribuído por Lefebvre (1976). A crítica ao descompromisso à condição de dispositivos de trocas, embates, de sociabilidades, enfim, às experiências de vidas compartilhadas, expressão de vida pública e coletiva, está em resgatar, para o projeto de arquitetura e urbanismo, a cultura do homem comum, do sujeito ordinário que "inventa" espaços de uso público, deles se apropria de forma não autorizada pelas regras urbanas, contaminando com seus costumes a arquitetura insípida e disfuncional para seus hábitos. Enxerga uma forma crítica de apropriação sem consumo em nome do conforto e do prazer não programático.

Assim, ganham sentido e se tornam pertinentes as aproximações a estas dimensões encobertas e pouco visíveis e da realidade urbana, resgatando, no projeto, possibilidades de entusiasmo e de ousadia.

4. Referências bibliográficas

ARENDRT, H. (1997). Entre o passado e o futuro. 4ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A. (2000). A condição humana. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

BUTLER, J. (2015). Relatar a si mesmo: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (2018). Corpos em aliança e política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CALDEIRA, T. P. do Rio. O rap e a cidade: reconfigurando a desigualdade em São Paulo. In: KOWARICK, L.; MARQUES, E. (Orgs). São Paulo: novos percursos e atores – sociedade, cultura e política. São Paulo: Editora 34, 2011.

CERTEAU, M. (1996). A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes.

MARICATO, Ermínia. *É questão urbana, estúpido!*. In: MARICATO, E; et al. Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

LEFEBVRE, H. (1999). A revolução urbana. Belo Horizonte: Editora da UFMG.

LEPECKI, A. (2011) (2012). Coreopolítica e Coreopólicia. Revista Ilha, vol 13, n.1, p 41-60, jan./jun.

Protesto em SP ocupa Av. Paulista, estradas e tem tumulto com militantes. G1 São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/protesto-em-sp-ocupa-av-paulista-estradas-e-tem-tumulto-com-militantes.html>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

ROLNIK, R. (2013) As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. Apresentação.in: MARICATO, E; et al. Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

ROLNIK, S. (2016). Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. 2a.ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016.

SANTOS, M. (2005) O retorno do território. In: Reforma agraria y lucha por la tierra en América Latina. Territorio y movimientos sociales. Periódico OSAL. Buenos Aires, v. 16. (2012). A natureza do espaço. São Paulo: EDUSP.

SANTOS, M.; SOUZA M. A.; SILVEIRA, M. L. (orgs.) (1994). Território Globalização e Fragmentação. Belo Horizonte Ed. HUCITEC/ ANPUR.

VAINER, C. (2013). Quando a cidade vai às ruas. In: MARICATO, E; et al. Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior.